

A Experiência Setorial em São Paulo: recriação da Igreja na opção pelos pobres

Maria Cecília Domezi

Hoje fala-se muito hoje em pastoral urbana e, sem dúvida, é este um grande desafio para a Igreja inteira que quer cumprir sua missão evangélica. Entretanto, temos que vencer ao menos três tentações, se queremos ser Igreja que faz o Evangelho penetrar em todos os ambientes e transformar as estruturas injustas e opressivas da cidade, de modo especial quando tratamos de uma cidade como São Paulo, megalópole marcada por escandalosos contrastes.

A primeira tentação é a de olhar a cidade desde um ponto só, pior ainda se é de um centro ou de cima, sem sair do lugar. Não vão doer os olhos e nem o coração de quem olha, porque os contrastes da cidade serão atenuados, os vazios parecerão peças de um todo harmonioso, os becos escuros desaparecerão no conjunto das luzes, os rostos não serão vistos dis-

tintamente e a visão seria de um todo homogêneo, uma falsa síntese, um gigante adormecido à espera de comando.

A segunda tentação é a de alguém pretender-se idealizador e iniciador de um processo inteiramente novo, de um caminho diferente que parte simplesmente de seus próprios pés, como se fôssemos dispensados da tarefa de levar em conta os processos históricos anteriores e de abrir possibilidades para futuros processos históricos. Os avanços e tropeços do passado são ferramentas valiosas para a ação no presente com perspectivas para o futuro.

A terceira tentação é a de pensar que as opções de um passado recente, na Igreja da América Latina, já estão superadas. É a tentação de tomar outro eixo diferente daquele da opção evangélica pelos empobrecidos; de ver a pastoral

das elites como a prioridade esquecida que deva ser trabalhada num compartimento próprio, sem precisar fazê-lo desde o lugar e na ótica do pobre; de relativizar ou até esquecer as CEBs, como se fossem um modelo já superado de Igreja, que não responde aos atuais desafios da pastoral urbana.

Vencer estas tentações significa continuar o posicionamento profético da Igreja, continuar a abertura à ação do Espírito na ação dos e pequeninos, e ao mesmo tempo buscar novas respostas para os novos desafios. Isto inclui a análise dos acertos e dos erros do passado.

Buscamos aqui reunir alguns dados da História da Igreja Particular de São Paulo, na década de 70, no tocante à gênese dos setores: será um rápido recuo de 20 anos a um passado recente e cheio de apelos. É nossa intenção fazer brevemente um estudo historiográfico da Operação Periferia, realizada pela Igreja de São Paulo, nessa época. Aqui nos limitaremos a uma reflexão inicial, somente a partir de alguns Documentos. Ao lado da escassez de fontes escritas, está a abundante riqueza de testemunhos de pessoas, mulheres e homens, protagonistas desse passado e, muitas delas, ainda hoje ativas na missão, numa diáspora que permite multiplicar a profunda experiência pastoral vivida em São Paulo. É hora de se fazer memória em mutirão, com uma análise a partir dos desafios atuais.

I - UM "SONHO" DE IGREJA COLEGIADA EM DESLOCAMENTO PARA A PERIFERIA

A Igreja de São Paulo, ao vento novo do Concílio Vaticano II (1962-1965) e sob o signo de Medellín (1968), começava a descobrir sua identidade de Igreja Particular, ante ao grito da miséria e em meio à brutal repressão militar, a partir do golpe de 1964-1968. Começavam iniciativas daqui e dali, de promoção humana com vontade de transformação das estruturas injustas. O apelo forte, vocacional, para a Igreja Particular de São Paulo, vinha da periferia, cinturão de miséria assustadora. Nas experiências de promoção humana haviam leigos atuando, grupos pluralistas assumindo com os trabalhadores o seu processo de conscientização. Isto incluía perseguição, prisões, torturas e martírio.

Nesse clima favorável à reorganização e até recriação de Igreja, com um engajamento profético e transformador, por parte de diversos segmentos da Igreja no Brasil, o "sonho" corria o risco de ficar só entre alguns grupos significativos. Mas, um arcebispo de carisma contagiante e que fazia parte dos "sonhadores" foi nomeado para a Igreja Particular de São Paulo, em sucessão a Dom Agnelo Rossi, enviado a Roma: era Dom Paulo Evaristo Arns, franciscano, "sentinela da noite prolongada" e "temida mansidão em pé de guerra",

no dizer do poeta-profeta Dom Pedro Casaldáliga, por ocasião do 20º aniversário da nomeação de Dom Paulo como arcebispo de São Paulo¹. Ao tornar-se arcebispo, no dia 1º de novembro de 1970, o Cardeal Arns dizia: "*Aqui estou, pequeno de estatura, limitado e consciente das minhas limitações, esperando que o Espírito de Deus realize em mim o seu desígnio*"².

Os pobres, nas CEBs, faziam a "tomada da Palavra", estavam na articulação dos movimentos populares, abriam por sua prática a missão para um trabalho mais político e suscitavam a descentralização da vida pastoral com maior participação popular no ser e no fazer Igreja.³ Na década de 70, as organizações populares e sindicais, que aglutinavam grupos diversos, tinham a presença e a participação das CEBs, Igreja dos ambientes, sem medo e sem perder sua identidade eclesial. Esta eferescência completava o clima favorável à concretização do "sonho" de uma Igreja reorganizada, rearticulada, com um modelo a serviço da missão na megalópole dos contrastes, com coragem para fa-

zer uma "aliança de sangue com o mundo operário"⁴.

Na cidade de 8 milhões de habitantes, a Igreja tinha que lançar-se em missão com novo método. E não bastaria novo método, senão que tinha de haver nova Igreja, Igreja recriada. São Paulo é termômetro do mundo capitalista, na distância escandalosa entre opulência e miséria, palácios e barracos, brilhos e trapos, desperdício e carência. É a síntese de um país à mercê de uma elite. A aparente desordem do crescimento da cidade encobre a organização da sociedade. "Por trás dos problemas urbanos está a vida dos habitantes da cidade, que se organiza na repartição dos benefícios do desenvolvimento e na distribuição do preço a pagar"⁵.

Grupos significativos da Igreja Particular de São Paulo começaram a olhar a cidade desde o lugar do pobre, com os olhos do operário, da dona de casa moradora da periferia, da criança desamparada, do indigente, do torturado e preso político; começaram a aprender como se vê a cidade com a inteligência do operário e do morador

1. Fascículo especial do Jornal *O São Paulo*, outubro de 1990, p. 1.

2. *Idem*.

3. Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto, *As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: traços explicativos de sua gênese*, in DUSSEL, Enrique (organizador), *500 Anos de História da Igreja na América Latina*, CEHILA, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 580.

4. Expressão de Dom Paulo Evaristo Arns: *Da Operação Periferia à Pastoral Urbana*. Arquivo da Residência Arquiepiscopal de São Paulo.

5. CÂMARGO, Cândido Procópio Ferreira e outros, *São Paulo — Crescimento e Pobreza*, Loyolá, 13ª edição, p. 22.

de lugares carentes. Um profeta coletivo começou a crescer e a influenciar, em busca da justiça e dos direitos humanos: era uma porção miúda, pequenina, da classe média pensante, um grupo de intelectuais que, nesses tempos de militarismo ditador e cruel resistência com poesia e humor, apelidando-se "loucos". Reuniam-se assiduamente com o arcebispo, sobretudo entre 1974 e 1975, para discutir os problemas da cidade enquanto punham a serviço sua bagagem filosófica, humanista, científica, e ajudavam os pastoralistas a encontrarem respostas para os graves problemas da mulher e do homem situados em São Paulo.

O grupo dos "loucos" tomou como referência a Comissão Justiça e Paz, que era orientada por Dalmo Dallari, José Carlos Dias, José Gregori, Margarida Genovois e Marco Antônio. Comissão Justiça e Paz e "loucos", aliados aos outros "loucos" do CEBRAP e da PUC, agiam na convicção de que Deus é justiça e solidariedade.⁶

Havia leigos atuantes nas comunidades eclesiais de base e nas pastorais específicas. Era hora de deixar-se recriar, como Igreja, pelo Espírito, na práxis dos empobrecidos e pequenos, sem se deixar levar pela euforia das dimensões gigantescas da megaló-

pole, nem pelas mentiras do criminoso projeto "Brasil Grande", que já causava amarga decepção às massas sofredoras. Era hora, sim, de acreditar no potencial do pequeno: grupos de gente marginalizada, gente "pequena", pequenas organizações, pequenas articulações, pequeninas comunidades eclesiais de base em "irrupção insuspeitada". Ao mesmo tempo, havia a atitude de coragem, ao convocar e reunir multidões de pessoas, ao lhes emprestar a voz nas praças e ruas, mesmo debaixo de metralhadoras, cavalarias, cães e gás lacrimogêneo, máquinas fotográficas que captavam o rosto de cada pessoa para uma perseguição marcada. Era uma Igreja das pequeninas organizações e das grandes massas plurais, Igreja inserida na efervescência, tentando aprender a caminhar com o povo; Igreja da cidade, buscando tornar-se *Corpo* enquanto inseria-se no *Corpo Social* todo chagado e clamoroso. Igreja institucional, abrindo-se como único espaço para a defesa das pessoas humanas perseguidas e para a organização dos trabalhadores.

Essa vontade toda, essas iniciativas, esse jeito novo que brotava de baixo, tinha que ser organizado para ser assumido por todos. Urgia "formar o corpo da Igreja,

com possibilidades de transmitir vida; a vida e o amor que recebemos do Pai através de Jesus, na unidade orgânica e na comunicação dessa vida" — dizia Dom Paulo — porque todos os 8 milhões de habitantes da cidade tinham "direito à vida que vem de Deus, através de sua Palavra encarnada na Igreja"⁷. A velha estrutura não tinha canais para fazer a circulação de vida chegar aos porões de uma sociedade cheia de desigualdades e injustiças, até os pobres da periferia.

O "Setor", porção menor e com rosto próprio, seria expressão de uma Igreja aberta, que dá e recebe, inserida na pluralidade, deslocada do centro para a periferia, engajada em todos os ambientes. Sendo nova expressão orgânica da Igreja Particular, o Setor possibilitaria o trabalho comum, assumido por todos, dentro do novo sentir eclesial.⁸

O "sonho" era o da colegialidade numa organização e articulação originais, num modelo próprio para a megalópole capitalista e no amor preferencial pelos "pequenos". A experiência de realizar esse "sonho" foi pioneira, original, digna da atenção de toda a Igreja Universal. O Papa

Paulo VI, entusiasmado com esse empenho na recriação de Igreja em São Paulo, aconselhou a visita às grandes metrópoles para estudo da nova Pastoral Urbana. Buscaram-se essas experiências de pastoral em Paris e outras metrópoles. O eixo dessa colegialidade era o clero, mas o dinamismo vinha das comunidades dos pobres: "As comunidades à margem da Igreja podem levar a Igreja para a humanidade"⁹, dizia Dom Paulo.

Em 1971 foram eleitos os vigários episcopais, um para cada Região Episcopal, e pôde-se sentir que o método era bom para a organização de Setores na Arquidiocese. Em 1974 já se dava novo passo, seguindo o "sonho": dentro de um ano não seriam mais necessárias as Regiões, e nem os vigários episcopais. Haveriam apenas "Setores": porções de Igreja na dinâmica da inserção, do deslocamento, da presença na realidade social; diferenciados, complementares, interligados e fazendo troca de bens entre si. Um colégio de bispos, 7 ou 8, estariam juntos com o arcebispo, sendo que cada um desses bispos assumiria a coordenação de um conjunto de Setores, que poderiam até ser de Regiões diferentes. Cada Setor teria um pres-

7. Cardeal Arns, *Encontro com o Pastor*, in *Jornal O São Paulo*, 5 a 11 de janeiro de 1974, p. 7.
8. *O Setor: Nova Expressão Orgânica da Arquidiocese*, in *Jornal O São Paulo*, 5 a 11 de janeiro de 1974, p. 7.

9. Cardeal Arns, *Missão do Setor — Como vejo o Setor dentro da Igreja Particular de São Paulo*, 11 a 14 de março de 1974. Acervo da Residência Arquepiscopal de São Paulo.

6. Dessas reflexões e abordagens nasceu o livro "São Paulo 1975 — Crescimento e Pobreza", já citado.

bítero coordenador. Presbíteros unidos em torno de bispos colegiados, junto com o arcebispo e também com os leigos e religiosos; todos assumindo com igual importância e na diversidade dos seus ministérios a missão em São Paulo, seriam a Igreja Particular, numa união global. Os presbíteros fariam uma evolução para tornarem-se colégios, como queria o arcebispo, ao dizer que "o Espírito abre nova fase para a Igreja em São Paulo, fase mais baseada na própria missão do Povo de Deus, no serviço das pessoas consagradas e na união do presbitério"¹⁰.

Na união articulada de colégios, através de sete bispos unidos ao arcebispo, a Igreja Particular seria Igreja inserida na metrópole inteira, estando cada bispo no seu território e com recursos humanos e materiais próprios. Além disso, cada bispo seria responsável por uma pastoral urbana específica. Esta experiência singular não foi possível, porque a divisão da Arquidiocese interrompeu o processo, no sentido como ele vinha se encaminhando.

II - O SETOR COMO EXPRESSÃO ORGÂNICA DA RECRIAÇÃO DA IGREJA

No modelo de circulação de vida para todos, a missão pasto-

ral significa atingir os vazios deixados pela sociedade e engajar-se na pluralidade. "Existem claros, vazios na sociedade que não são atingidos pela Igreja. Existem dons incômodos suscitados pelo Espírito, movimentos que vão para a frente conosco ou sem nós. Podem até se tornarem cismáticos. É preciso saber captar tudo isto no Setor; é mais fácil do que na Diocese. Ninguém deve ser colocado à margem pela Igreja. É preciso saber transformar os carismáticos em apóstolos. Não somos instrumentos exclusivos do Espírito..."¹¹. Como uma Região Episcopal, que equivale a uma grande diocese, dada a sua densidade, poderia entrar nesta dinâmica? Mas, percebemos que a reestruturação do corpo eclesial não visava apenas diminuir o tamanho geográfico das unidades organizacionais, e sim identificar rostos diferenciados, realidades concretas. O Setor tornava-se a Igreja multiplicada e presente em todos os ambientes, mas também Igreja que assumia a causa dos pobres, num modelo colegiado, numa ação global.

Antes, havia apenas uma organização jurídica, em que os padres reuniam-se mais ou menos a cada 3 anos, por questões de registros de batismo e casamento e por outras questões canônicas, dizem-

-nos testemunhas. As questões pastorais não entravam em pauta. A redivisão da Arquidiocese, com a criação dos Setores, é essencialmente uma reorganização missionária, um modelo pastoral de Igreja. Cada Setor é expressão real da Igreja visível, célula vital da Igreja Particular¹².

1. O SETOR: UNIDADE PRIMEIRA DA IGREJA PARTICULAR

Buscava-se superar a limitação da paróquia, estrutura que desfavorecia o dinamismo do modelo reestruturado. Antes, eram algumas Regiões Episcopais como unidades organizativas, e agora nasciam 37 Setores, e não simplesmente a partir das Regiões, mas a partir de um novo dinamismo missionário que tinha eixo, objetivos, plano pastoral, coordenações articuladas. Como já dissemos, as Regiões tornavam-se desnecessárias, à medida em que os Setores nasciam como expressão da Igreja Particular, na colegialidade desde a rede inter-setorial até à Igreja Universal, com consciência de serviço ao povo, como provocadores e promotores da unidade crescente e orgânica de pessoas, ofícios e instituições.¹³

Cada Setor reunia um número ideal de comunidades, de 5 a 17, numa unidade dinâmica, unidade esta feita também na comu-

nhão inter-setorial e com o arcebispo, através de coordenadores bem escolhidos. O coordenador devia ser um presbítero, representante do arcebispo, indicado pelo povo e pelos religiosos, e eleito pelos demais presbíteros. Devia atuar junto com a equipe representativa, constituída por casais, jovens e religiosos. Seria representante dos encarregados da pastoral no Setor, e confirmado como representante pessoal do arcebispo, junto com a porção do Povo de Deus a ele confiada. Sua função era, sobretudo, a de animador da esperança do povo e ativador das forças vivas do Setor.

Para isto, o coordenador de Setor devia:

1º) Conhecer as comunidades.

2º) Gozar de confiança de seus colegas, dos leigos e religiosos.

3º) Junto com os colegas, sem ditar ordens ou substituir-se, fazer levantamentos, descobrir as prioridades e organizar os ministérios necessários, exercendo atividade normal no pastoreio.

4º) Estar presente com o pensamento da Igreja, provocando um "sentir comum" dentre todos os responsáveis por essa porção do Povo de Deus, e garantindo o sentido da unidade do trabalho apostólico.

5º) Deixar que a integração das comunidades se realize de manei-

10. Cardeal Arns, Carta aos padres vigários relatando o resultado da sua reunião com os bispos, vigários episcopais e os 37 coordenadores de Setor, a 14 de março de 1974.

11. Cardeal Arns, *Missão do Setor...* op. cit.

12. Idem

13. Fr. Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson, *Ante-Projeto para o Encontro dos Coordenadores*, 25 de janeiro de 1974. Acervo da Residência Arquiepiscopal de São Paulo.

ra espontânea e progressiva, a ponto de tornar visível o ministério invisível da Igreja.

6º) Levar ao arcebispo e aos conselhos arquidiocesanos as aspirações de suas comunidades.

7º) Ter capacidade e possibilidade de comunicação; traduzir para o Povo de Deus as decisões que afetam o bem comum.

A escolha do coordenador devia ser em ambiente de plena participação, para que ele se sentisse apoiado em sua missão. Dom Paulo ordenou aos vigários que explicassem a importância do Setor e a ação decisiva do coordenador, encaminhando o processo de eleição do coordenador. Esta "ordem" dada, diferentemente de tantos momentos de consulta, pedido, aconselhamento, denota um momento de decisão como Igreja Particular no seu conjunto.

Assim era o processo de eleição:

1º) Reunião dos leigos de todas as comunidades paroquiais, movimentos e pastoral ambiental, para a indicação dos nomes de sua preferência. Esta indicação de nomes teria valor consultivo.

2º) Reunião das religiosas e religiosos não sacerdotes, para também darem o seu voto consultivo.

3º) Reunião dos padres responsáveis pela pastoral no Setor, sendo apresentados a eles os nomes

indicados pelos leigos e religiosos, para darem o seu voto decisivo.

4º) Escolha de um nome, feita pelo arcebispo, a partir dos nomes mais votados pelos presbíteros.

5º) Confirmação do cargo, feita pelo arcebispo, por três anos, a não ser que circunstâncias viessem a aconselhar a redução ou prorrogação desse tempo.

6º) Reunião do Setor, com todos os leigos, religiosos e presbíteros, para a indicação da equipe que ajudaria na coordenação do Setor, junto e sob a orientação do padre coordenador.

Foram eleitos 37 coordenadores de Setor, para atuarem nessa tarefa de março de 1974 a março de 1977. O arcebispo confirmou os mais votados pelos padres e logo procurou cada um deles para dialogar. Já no mês de março, os novos coordenadores estiveram juntos com o arcebispo, para buscarem o essencial ao bom funcionamento dos Setores, numa semana de convivência, oração, reflexão e diálogo, no Instituto Paulo VI.¹⁴

2. O SETOR: CANAL E LABORATÓRIO

O Setor nascia como novo centro de animação e de unidade, mas também como canal apto para *levar a comunicação de vida, em nome da Igreja Particular, até "lá onde o povo vive, sofre e espera"*.

O serviço de comunicar vida era para todos, não só para os fiéis.

Para a circulação de vida, há que se abranger todo o organismo. As CEBs, que nasciam nas zonas miseráveis da periferia da cidade, eram percebidas como prioritárias para bombear esse sangue novo. As CEBs foram assumidas como o coração de toda a ação pastoral. Nelas estava o modo novo de ser e de formar Igreja, na sua concretização visível e histórica. Sem comunidades não haveria organismo eclesial vivo e dinâmico. A Pastoral das CEBs era inspiradora de todo o agir, na concretização de Igreja que era o Setor. Só numa pequena comunidade, dizia-se, é possível viver plena e adequadamente a comunhão cristã. E a comunhão de amor se concretiza visivelmente numa unidade orgânica de pessoas exercendo serviços. O serviço de reunir pessoas pelo anúncio da Palavra, de acompanhar as etapas da formação de uma comunidade, de animar essas pequenas comunidades cristãs, é um serviço fundamental.¹⁵

Que vida tem que chegar às pessoas que estão em lugares mais distantes, que são mais marginalizadas? Vida plena para todos, segundo João 10,10. Vida é realização plena da pessoa humana, em

todos os sentidos e em todas as dimensões, com atendimento às suas necessidades básicas, para que vivam dignamente como pessoas humanas. Vida é pão, trabalho digno, moradia decente, relacionamento, participação, educação, religião.

Já um folheto preparatório para a programação pastoral, em 1974, pedia a opinião das pessoas sobre estas propostas:

- Evangelização através de Semanas da Palavra.
- Acompanhamento dos que formam pequenas comunidades.
- *Integração deste trabalho com os Setores.*

O dinamismo que se propunha era: Evangelização básica como retaguarda mentalizadora, grupos de reflexão como instrumento para a motivação constante e para suscitar a criação de pequenas comunidades, e a realização concreta dessas pequenas comunidades, com acompanhamento das etapas dessa realização e também planejamento e avaliação constantes com o coordenador de Setor.¹⁶ Todo este processo de suscitar reflexão, partilha de idéias, críticas e ante-projetos, contava com a assessoria de gente "sonhadora", como Ana Flora Anderson e Frei Gorgulho que, além de assessora-

15. Carta aos padres vigários... op. cit.

16. Ana Flora Anderson e Fr. Gilberto Gorgulho, Roteiro de 19 de março de 1974; em preparação ao Encontro de Igreja Particular a ser realizado de 29 a 31 de março do mesmo ano, no Instituto Paulo VI. Acervo da Residência Arquiepiscopal de São Paulo.

rem encontros, também percorriam as comunidades. A opção prioritária era pelas CEBs, chamadas "pequenas comunidades", de acordo com a linguagem de Medellín: sem elas não poderia haver circulação de vida: elas eram a concretização da Igreja Comunidade, em comunhão e participação, fundamentais para a comunicação vital para todos, principalmente para os marginalizados.

De fato, as CEBs foram assumidas como a primeira das quatro metas prioritárias do Plano Bial de Pastoral:

1ª) Incrementar a formação de comunidades.

2ª) Levar os leigos a assumirem sua função na Igreja.

3ª) Pregar e viver o Evangelho na situação concreta de São Paulo.

4ª) Animar tudo o que existe na Igreja por estas três metas.

O Setor como *Laboratório* da ação pastoral está dentro de Teologia que embasa a organização Setorial. O Cardeal Arcebispo fala da tríplice força: O *Evangelho*, que deve chegar ao povo através das pequenas comunidades e de todas as formas possíveis, tendo como propagadores os novos apóstolos e profetas, os carismas diversos dos religiosos e os movimentos leigos: a *Igreja-Sacramento* que manifesta a unidade visível, onde se vive

os Sacramentos com consciência e engajamento transformador, sobretudo a Palavra e a Eucaristia; o *Testemunho*, na coordenação da diaconia de todos. Nesta diaconia está o Setor como laboratório: O Setor é laboratório porque faz contínua pesquisa dos contra-testemunhos, os males sociais, e cria ministérios correspondentes. É laboratório também de testemunhos.¹⁷

Estando mais próximo aos problemas, mais aparelhado para a análise e mais capacitado para organizar recursos, o Setor pode descobrir os anseios e as necessidades de determinada população na grande metrópole e, a partir dessas necessidades sentidas, organizar prioridades, buscar soluções originais.¹⁸

Esta atitude de Igreja sempre aberta à ação do Espírito, esta pastoral de convivência e inserção no meio do povo, na opção preferencial pelos pobres, é possível na organização setorial, pois o Setor é canal que chega até aos porões do submundo dos pobres na metrópole. É suficientemente autônomo e está em plena comunhão com a Igreja, por isso deve criar o seu dinamismo pastoral, construindo a unidade na comunhão dos diversos e na articulação das forças vivas. É expressão de Igreja inserida na realidade profunda e gritante, por isso pode fazer uma pastoral transfor-

madora. O Setor torna-se concreção de *Igreja-Corpo* em plena participação, quando de seu laboratório surgem ministérios dos leigos, das religiosas e dos religiosos, dos presbíteros, todos sendo um só Corpo comprometido com a causa dos oprimidos. Sem esses ministérios como resposta às necessidades reais e gritantes, o Setor não seria um fato real, mostravam os "sonhadores".

III - OPERAÇÃO PERIFERIA: O GESTO CONCRETO DO NOVO MODELO

Uma Igreja que se organiza buscando os clamores do povo nas bases, que se deixa recriar pelo Espírito na ação dos novos sujeitos, antes marginalizados por ela mesma do direito de fazer Igreja, uma Igreja em laboratório, não elabora sua pastoral urbana somente de um escritório, simplesmente traçando no papel um plano. Há toda uma sensibilidade nova, um espírito contagiante, um lançar-se em busca de experiências existentes que podem ser articuladas.

Alguns dizem que, na década de 70, a Igreja Particular de São Paulo provocou muito trovão e pouca chuva. Isto pode ser verdade, mas é também verdade que a chuva fecundou algumas sementes valiosas. O arcebispo idealizador da Operação Periferia, Dom Paulo Evaristo Arns, costumava

dizer: "A periferia nos pede ação intensa e imediata e não apenas palavras e bons propósitos". E também dizia: "Para situações de emergência reclamam-se soluções audaciosas..."¹⁹. O grito abafado, surdo, das multidões marginalizadas e impedidas de ser gente, em tempos do "eu te amo, meu Brasil" e "este é um país que vai pra frente", tinha que ser audível, tinha que ser gritado de cima dos telhados. O movimento da Operação Periferia foi lançado de forma aberta e pública, com convocação da Imprensa.

A Operação Periferia foi uma campanha que concretizou, ao menos em diversos lugares, a ação pastoral da Igreja na opção pelos pobres. Concretizou também a reestruturação de Igreja nessa direção, descentralizando-se, partilhando os bens e dando respostas evangélicas concretas aos clamores das pessoas humanas que viviam no "cinturão de miséria" da cidade. Dom Paulo lançou a idéia por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1972, cujo slogan dizia: "Descubra a felicidade de servir". O intuito era o de consolidar as experiências concretas que já estavam em andamento em vários pontos da periferia da cidade, e iniciar essas experiências em outros lugares. Os objetivos eram bastante claros: colocar-se a serviço da população

17. *Missão do Setor...* op. cit.

18. *O Setor: Nova Expressão Orgânica...* op. cit.

19. *Jornal O São Paulo*, 6.ª 12 de julho de 1974.

marginalizada, migrante na maioria, carente de atendimentos essenciais e jogada no vazio de atendimento religioso da Igreja; descobrir e treinar lideranças locais; criar e coordenar recursos humanos e materiais. O movimento envolvia arrecadação de dinheiro para financiar projetos elaborados pelos Setores, incluindo-se a construção de centros comunitários. Uma comissão arquidiocesana, a pedido de Dom Paulo, fez um estudo preliminar e um esboço do que seria o movimento. Este esboço, submetido à apreciação do arcebispo, dos vigários episcopais e dos coordenadores de linhas pastorais, como também das religiosas, dos religiosos, do clero das diversas Regiões, serviu de ponto de partida para uma ampla consulta e discussão, aguardando-se as decisões dos párocos para meados de agosto, sobre os pedidos de ajuda. Muitos pedidos e sugestões chegaram à Cáritas Arquidiocesana, e esta os entregava ao grupo de trabalho da *Operação Periferia*.

Como se escreveu no periódico da Arquidiocese, a *Operação Periferia* era a "concretização, pelo menos durante algum tempo, do espírito missionário que deverá animar sempre a vida da Igreja Particular que está em São Paulo". Buscava congregar em centros comunitários milhares de pessoas carentes do

anúncio da Palavra, dos sacramentos e da catequese, por falta de pastores, de chefes de comunidades eclesiais e de anunciadores de toda ordem. Congregar os centros comunitários, era o empenho mais imediato. Os meios eram os diversos serviços pastorais e missionários, incluindo-se a promoção humana. Buscava-se integrar a população da zona periférica através das CEBs, para isto mobilizando recursos humanos e materiais, do próprio meio e da grande comunidade. O apelo era para todos, a fim de que a fraternidade fosse gesto concreto, na troca de bens. Paróquias de zonas mais centrais dariam recursos materiais e receberiam da periferia valiosas contribuições experienciais, vividas e sedimentadas na fecundação do Espírito que recria a Igreja. Os fiéis do centro eram convidados a voltar-se para os irmãos da periferia em ação individual e comunitária, para não levar esmolas, mas, despojados do espírito paternalista e assistencialista, entrar na dinâmica do serviço, na troca de bens, em atitude de conversão para também aprender das mulheres e homens da periferia. "*Quem dá recebe - dizia Dom Paulo - e quem recebe também tem o que dar*". Era o agir em comunidade, em favor de comunidades.²⁰

O arcebispo entrou logo no dinamismo da partilha de bens: ven-

deu o Palácio Episcopal Pio XII por 5 milhões de dólares e, com o dinheiro, possibilitou a compra de diversos terrenos na periferia, para a construção de centros comunitários. Foi morar numa casa mais simples, seguindo aquele testemunho dos pastores que, nessa época de profetismo na Igreja, tiveram coragem de converter-se da opulência de tantos séculos para uma vida pobre e doada aos pobres.

Mas, nem todos aderiram à *Operação Periferia*. Entre os apáticos e os contrários, no entanto, houve aquelas e aqueles que se entregaram alegremente a essa obra evangélica, perseverantes no meio dos conflitos e tensões.

A campanha da *Operação Periferia* tornou-se real nos Setores que foram se organizando e que continuaram mantendo sua vida ativa, seu papel de canal de vida e de laboratório pastoral. Na verdade, não foram muitos estes Setores, mas a qualidade da ação garantiu o enraizamento de uma vida pastoral que resiste até hoje, em meio a situações diferenciadas e numa dificuldade maior de articulação. Desde a criação dos Setores, já foram elaborados e assumidos vários *Planos de Patoral Urbana*, e o processo de comunhão e participação vem se mantendo: consulta ampla ao povo e às várias organizações, reflexão a partir das propostas, assembleias decisórias. Na busca de evangelizar a cidade de tantas dores e esperanças, de

tão graves problemas e tão ricas possibilidades, numa constante evolução que nunca favorece os pobres, a Igreja Particular de São Paulo tem se conservado nos objetivos que tentam responder a problemas sociais clamorosos: o mundo do trabalho, os direitos humanos, os direitos do povo da periferia, a saúde, a moradia, a comunicação, a justiça, além de se ter as CEBs como jeito de Igreja que deve se aprofundar, se multiplicar e contagiar toda a Igreja.

CONCLUSÃO

Hoje, a configuração das manchas de miséria, na cidade de São Paulo, mudou em relação aos anos 70. O cinturão de miséria avançou para mais longe, os cortiços infestaram bairros que antes eram de classes médias, as favelas aumentaram e tornou-se assustador o número de sofrendores de rua. A cidade de São Paulo, onde os políticos aliados ao capital não querem perder a chance de administrar, num modelo centralista, ditador e populista, continua sendo a cidade dos poucos ricos cada vez mais ricos às custas dos muitos pobres cada vez mais pobres. O quadro continua feio, e talvez mais estupefante ainda.

A estrutura paroquial persistiu, sinal de que o velho modelo de Igreja se fortaleceu. A paróquia acomodou-se, salvo raras exceções, à convivência com o novo modelo das CEBs, não sem con-

20. *Operação Periferia, Breve Histórico*, in *Jornal O São Paulo*, 12 de agosto de 1972, p. 7.

flitos, e até contagiou algumas comunidades que, apesar de nascidas no jeito das CEBs, acabaram tornando-se quase "mini-paróquias".

Alguns poucos Setores conseguiram tornar real o "sonho" daquela Igreja recriada na ótica e na práxis dos pobres. Estes, agora enfrentam dificuldades maiores na articulação inter-setorial, e são olhados com estranheza por outros segmentos. Não há mais aquele clima eclesial favorável. Os carismas parecem mais escondidos e as preocupações da Igreja Universal parecem outras.

As regiões, na prática, são a unidade primeira na organização da Igreja visível, sem que se consiga atender às diversas realidades, sem possibilidades de criar colegialidade entre todos os presbíteros, já que existem aqueles que administram suas paróquias como se elas fossem "ilhas".

A divisão da Arquidiocese, privou a Igreja Particular de São Paulo de muitas forças vivas articuladas, de muita gente que estava atuante em ministérios organizados. Dividiu o conjunto das CEBs, tirando fatias de zonas mais periféricas para a criação de novas dioceses. A nova Arquidiocese se organizou, mas aquele "sonho" ficou mais longe, e alguns parecem até haver perdido a sua memória.

A população de São Paulo aumentou, e o número de pequenas comunidades também, sobretudo até a primeira metade da década de 80. Hoje temos vários estilos

de organização setorial: alguns Setores que envolviam bairros mais populares e mais periféricos, dividiram-se, e enfrentam sérios desafios para se reorganizarem. Outros, que estavam mais articulados e mais fiéis à sua função, não se dividiram, e chegam a uma rede de mais de 50 comunidades. A maioria dos Setores, porém, não passa de uma tentativa constante de articulação entre paróquias, no desencontro de objetivos e de práticas. Dividir para diminuir o tamanho não resolve.

Mas, temos avanços também, e alguns deles firmados recentemente. É o caso das mulheres na Igreja que, desde os grupos de base, desde os vários ministérios nas CEBs, conquistam cada vez mais parcelas do *poder-serviço-de-todos*, embora não plenamente. Muitas mulheres sedimentaram experiências e práticas valiosas, que continuam existindo ainda hoje: nos Clubes de Mães, na animação de CEBs, nos movimentos populares; religiosas inseridas no meio popular também devem ser lembradas. Hoje, a mulher vai conquistando espaços também no fazer teológico.

Cresceu a consciência do ministério e participação dos leigos na Igreja. Estamos presenciando uma verdadeira revolução bíblica, num jeito que tenta aprender o ecumenismo, na releitura feita desde o lugar do pobre, na dinâmica da "*Bíblia na vida e vida na Bíblia*", na ótica feminina e feminista. E

se avança mais: os leigos buscam sua capacitação como anunciadores da Palavra, organizando Escolas Bíblicas, Escolas de Ministérios, Cursos de Teologia que incluem a partilha de experiências e a busca comunitária de ações concretas.

Houve alguns avanços também na coordenação de Setor: embora ainda sem reconhecimento jurídico ou oficial, alguns Setores elegem não mais um presbítero sozinho para coordenar, mas uma pequena equipe que tenha mais feição do conjunto do Povo de Deus, onde a mulher participa, onde esteja o presbítero e também o membro do Povo de Deus que não é ministro ordenado, superando-se a divisão clero-leigos. É toda a Assembléia Setorial que elege a coordenação por voto decisivo, após esclarecimento de critérios, reflexão, discussão e discernimento com a participação de todas as comunidades. A equipe de coordenadores, de 3 a 5 membros, é uma equipe mais de serviço e de execução da vontade de todos, trabalhando junto com um grupo maior, uma coordenação ampliada e representativa da rede de comunidades. Mantêm-se as Assembléias Setoriais e reuniões de pastoral de conjunto, como também a articulação e a convivência, ora-

ção, estudo e reflexão do grupo dos agentes de pastoral. Este é o caso do *Setor São Mateus*, que participou ativamente da reorganização de *Igreja e Operação Periferia*, nos anos 70. Esta experiência inclui a colegialidade, a comunhão com a Região e a Arquidiocese, e o pastoreio do bispo regional, com maior intensidade pelo dinamismo que cria.

O grande desafio se coloca no nível da sensibilidade: como captar as experiências que parecem perder-se no conjunto, que correm o risco de não serem percebidas? Como continuar a escutar os profetas coletivos? Como dar continuidade a processos históricos importantes, como foi este que descrevemos?

É preciso ter a humildade de aprender caminhos novos que surtem do povo, e de continuar velhos caminhos que ainda respondem ao grito dos marginalizados. A ação do Espírito continua manifestando-se na ação dos pobres e pequeninos.

Maria Cecília Domezi é Pós-Graduada em Missiologia com concentração em História da Evangelização na América Latina, na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Endereço:

Rua Lorenzo Massa, 270
CEP 03966-050 — São Paulo
Fone: 919-4847.